

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Olhares do Mediterrâneo – Women’s Film Festival
5 de Novembro de 2024

CANADA PARK / 2020

Um filme de Razan Alsalah

Realização, Argumento, Imagem, Montagem: Razan Alsalah.

Cópia digital, colorida, com legendagem electrónica em português / Duração: 8 minutos / Comercialmente inédito em Portugal.

OUROBOROS / 2017

Um filme de Basma Alsharif

Realização e Argumento: Basma Alsharif / Direcção de Fotografia: Ben Russell / Música: Yann Gourdon / Interpretação: Jessica Bellinger, Coleman Collins, Claire de Pimodan, Bo Gallerito, etc.

Produção: Luna Blue – Momento Films / Cópia digital, colorida, legendada electronicamente em português / Duração: 77 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na impossibilidade de apresentar um texto original, algumas notas de contexto sobre estes filmes:

Canada Park é um poema em video experimental que explora a política de des/aparecimento da Palestina tal como foi narrada, mapeada e imaginada no Google Streeview e na fotografia paisagística colonial do princípio do século XX, nomeadamente no sítio da aldeia de Imwas, que teologicamente se confunde com Emaús, uma aldeia mencionada na Bíblia. Imwas foi apagada e Emaús assinalada como um sítio de turismo religioso dentro do jardim, numa profecia auto-cumprida. O jardim situa-se entre Jerusalém e o que é habitualmente conhecido como Terra de Ninguém. O filme explora este espaço absurdo de suspensão para criar uma contra-mitologia do lugar, contra as forças religiosas, geopolíticas e capitalistas que encenam as suas imaginações da terra e do povo da Palestina, reinserindo as poucas imagens que documentaram que a Marcha do Regresso a Latroun que teve lugar a 16 de Junho de 2007. Imwas não foi apagada. Foi enterrada, tornou-se um alhures aqui, onde o colonialismo já não faz sentido.

Ouroboros refere-se ao símbolo da serpente que come a sua cauda, inferindo um ciclo de morte e regeneração. Com a sua narrativa experimental – cuja personagem principal embarca numa viagem para curar a sua dor mas a volta a viver através de um continuum espaço-temporal indeterminado que é alternadamente belo e assombrado – o filme

adopta uma estrutura esteticamente imersiva, fragmentária e onírica. Mistura rumações ensaísticas, estudos de paisagens estonteantes, e uma história de amor caleidoscópica e deslocada, onde o deslocamento encontra múltiplas vozes, e os ritmos chocam e sacodem as nossas expectativas. Com um texto traduzido para Chinook, uma linguagem indígena norte-americana, imagens da destruição de Gaza captadas por equipamento de vigilância e por sumptuoso material filmado em 16mm, com uma extensa passagem por vinhetas ficcionais que mesclam as fronteiras entre ser e representar, **Ouroboros** exuma o trauma causado pela ocupação territorial, obstinadamente recusando a ideia de *stasis*.